



A história local como fator de atração turística: estudo da Guerra dos Emboabas em Minas Gerais¹

Márcia Conceição Bárbara, professora do curso de Turismo do Unicentro Newton Paiva e FEAD²

Eduardo Trindade Bahia, professor do curso de Mestrado em Turismo e Meio Ambiente do Centro Universitário UNA³

Resumo

Este artigo aborda a possibilidade de uso turístico de elementos culturais oriundos da história local. O objetivo foi analisar as possibilidades de se aproveitar os elementos culturais da história local como fator de atratividade turística, tendo como referência a Guerra dos Emboabas ocorrida em Minas Gerais no início do século XVIII. A pesquisa documental trata das contribuições teóricas sobre a atividade turística, cultura e os episódios da Guerra de interesse para o turismo. Posteriormente realizou-se pesquisa qualitativa por meio de entrevistas com pessoas conhecedoras da Guerra e locais onde ocorreram os conflitos. Foram identificados elementos culturais em todos os locais pesquisados com possibilidades de uso turístico e sugestões foram apresentadas para se desenvolver o turismo cultural dos locais pesquisados.

Palavras-chave: História; Guerra dos Emboabas; elementos culturais; turismo.

Introdução

No Estado de Minas Gerais, o turismo vem se firmando, cada vez mais, como alternativa de desenvolvimento econômico e social, principalmente pelo seu potencial cultural. Os registros históricos e a revitalização do percurso cultural denominado Estrada Real - caminho aberto pelos bandeirantes durante o período da descoberta e exploração do ouro em Minas Gerais - abre possibilidades para a inserção do turismo cultural em vários municípios desse trecho pela riqueza de elementos culturais, ainda pouco explorados.

Dentre os elementos culturais classificados como materiais estão as edificações como praças, igrejas, casas antigas de personagens da história, esculturas, pinturas e objetos antigos. Dentre os de natureza imaterial ou relacionados à identidade, à maneira de ser e à ação dos

¹ Trabalho apresentado ao GT 1 - Interfaces com o Desenvolvimento, a Cultura e o Meio Ambiente do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.

² marcia.barbara@fead.br

³ eduardo.bahia@una.br



grupos sociais, estão as crenças, os costumes, os valores culturais, o sotaque e os acontecimentos históricos que dão significados a cada localidade (RANGEL, 2002).

Dos bens de natureza imaterial, os episódios da história e seus personagens podem despertar a curiosidade e o interesse de conhecimento do público em geral e de historiadores, escritores e organizadores de roteiros turísticos, em particular. Um exemplo seria a história do Brasil Imperial que deixou marcas de um estilo de vida suntuoso da família de D. Pedro II na cidade de Petrópolis. De outra forma o Parque Independência, na cidade de São Paulo, um marco instituído na história nacional que teve sua origem no episódio da emancipação do Brasil do domínio português, mais conhecido como o Grito do Ipiranga tem sido incluído em roteiros turísticos. A curiosidade também pode nos instigar a conhecer lugares marcados por personagens importantes da história regional, como é o caso dos episódios da história do Cangaço, simbolizado e marcado pela figura de Virgulino, um cangaceiro conhecido por Lampião que, segundo a historiografia, espalhava terror pelo sertão nordestino por levar vida nômade, irregular e provocar malfetorias por onde passava, em especial na cidade de Canindé de São Francisco no interior do Estado de Sergipe.

Conflitos, disputas, poderio ou reações dos invasores em busca de ouro e riquezas do solo marcaram o período da descoberta e ocupação do território de Minas Gerais no final do século XVII. Entretanto, muitos episódios dessa história são pouco reconhecidos pelas próprias comunidades e pouco aproveitados como recurso turístico. Personagens como o bandeirante Manuel de Borba Gato e o forasteiro Manuel Nunes Viana são pouco ou quase nada explorados pelo turismo de Minas Gerais. Esses personagens foram figuras curiosas do evento histórico denominado Guerra dos Emboabas ocorrido no início do século XVIII. Conforme Barreiros (1984), esta Guerra consistiu em sucessivos episódios de desentendimentos pelas disputas de ouro e pedras preciosas entre os bandeirantes paulistas e não-paulistas nas regiões das minas. Dessa forma, estudar possibilidades de aproveitamento dos elementos culturais da Guerra dos Emboabas como recurso para desenvolver o turismo regional tornou-se objetivo deste trabalho.

Metodologia

A primeira parte deste trabalho se caracterizou por pesquisas em fontes primárias e secundárias - locais, fatos e personagens da Guerra dos Emboabas - que pudessem ser de



interesse turístico. Barreiros (1984) foi o autor de base neste trabalho por reunir documentação inédita de memorialistas sobre a Guerra. A pesquisa de campo teve por finalidade identificar elementos culturais relacionados a este evento histórico e o conhecimento da opinião das pessoas sobre o interesse em aproveitar esses elementos como atrativo capaz de despertar a curiosidade do turista e gerar fluxo para o local. Os municípios pesquisados estão localizados nas seguintes regiões: Rio das Velhas (Sabará e Caeté); Rio das Mortes (São João Del Rei e Tiradentes) e região das Minas Gerais (Ouro Preto e Piranga). A FIG 1 mostra as três regiões de maiores conflitos.

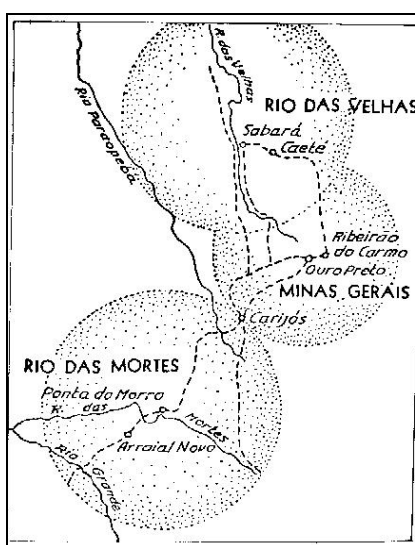


Figura 1 - Esquema geral das três grandes regiões do conflito
Fonte: BARREIROS, 1984, p. 23

Para realizar estes estudos, foi escolhida a pesquisa qualitativa por entender que seria necessária muita leitura e reflexão sobre as informações adquiridas durante o contato com as pessoas. Foram entrevistados 17 sujeitos com o seguinte perfil: pessoas com conhecimentos acadêmicos relacionados à história, turismo e cultura; pessoas autodidatas com conhecimentos específicos sobre a história da Guerra dos Emboabas e pessoas relacionadas com a gestão pública, além de três historiadores ligados ao turismo.

Cultura e Turismo

Do ponto de vista antropológico, Laraia (2006) considera a cultura como um complexo de crenças, conhecimentos, arte, leis, moral, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábito adquirido pelo indivíduo como membro de uma sociedade que está em



constante mudança, ou seja, a cultura é dinâmica. Explica que o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo chamado de endoculturação ou socialização e evidencia que a cultura é o meio de adaptação do homem aos diferentes ambientes. Para Meneses (2004, p. 43), a cultura está presente nas destinações turísticas do passado ao presente e se refere à “tudo o que se constrói na vivência coletiva, fruto das difusões de culturas distintas e de criações e saídas novas para problemas cotidianos”. Dessa forma, a cultura pode ser entendida como um processo constante de construção de significados e interpretações ao longo das gerações.

Lage e Milone (2000) mencionam que pessoas se deslocam geograficamente por motivos diversos e, independente do objetivo de permanência no destino escolhido, existe um desencadeamento para um contato cultural, o que se explica pelo crescente interesse dos turistas em conhecer culturas diferentes, com seus costumes, hábitos e curiosidades. Conforme Yázigi (2000), todo lugar possui características particulares que só os elementos culturais podem revelar e considera essa particularidade como sendo “a alma do lugar”. O autor explica que essa “alma” é constituída pelo modo de vida da comunidade inserida em toda a composição do espaço físico territorial. Menciona que o cotidiano das pessoas do lugar desperta sentimentos diferentes nas pessoas que o visitam, ou seja, encanta ou desencanta o visitante. Explica que a paixão do homem pelo seu lugar, sua ligação com o espaço físico e cultural, de geração em geração, é o que faz a “alma do lugar”.

Ritchie e Zins⁴, citados por Barcellos (2002, p. 44), apresentam a cultura como elemento fundamental para a atratividade de uma localidade a partir de doze objetos culturais que são: “o artesanato, a língua, as tradições, a gastronomia, a arte [...], a história da região, as classes de trabalho ocupadas por residentes locais e a tecnologia utilizada, a arquitetura distinta, a religião e suas manifestações, os sistemas de educação, o vestuário e as atividades de lazer”. Luccas (2000) acrescenta que as concepções culturais têm origem na construção histórica de cada local. No entanto, aqueles lugares que podem estar esquecidos são passíveis de serem redescobertos com o desenvolvimento do turismo que valoriza a cultura pela recuperação de elementos como artesanatos, culinárias, danças e manifestações culturais.

O fazer teórico-prático do turismólogo

⁴ RITCHIE, J. R.; ZINS, M. *Culture as a determinant of the attractiveness of a tourist region*. *Annals of tourism research*, 1978, nº 5, p. 232 a 267.



Meneses (2004, p. 41) promove uma discussão sobre o fazer teórico-prático do turismólogo, argumentando que esse profissional deve ser um planejador do turismo cultural “com base na interpretação de manifestações culturais que ele apreende, inventaria, documenta e transforma em atrativo [...]”. Nesse sentido, o turismólogo necessita de metodologias de levantamento de dados para desenvolver seu trabalho e se certificar do conteúdo cultural a ser explorado pelo turismo. É comum o uso da metodologia de inventários, definido pela OMT⁵ como "um instrumento valioso para a planificação turística, tanto setorial como territorial, pois a partir dele pode-se realizar avaliações e estabelecer as prioridades necessárias para a aplicação dos meios humanos e econômicos com que se conta para o desenvolvimento do setor".

Dessa forma, foram criados modelos de inventários para o levantamento de dados da oferta turística no Brasil. Tais modelos foram concebidos pelo Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), em 1984, a partir do modelo adotado pela Organização dos Estados Americanos (OEA), conforme Barcellos (2002). No Estado de Minas Gerais, foi criado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial de Minas Gerais (SENAC/ MG), em parceria com a Secretaria de Estado do Turismo de Minas Gerais (SETUR/ MG), um modelo de Inventário da Oferta Turística específica para os Circuitos Turísticos Mineiros que, baseado no modelo anterior, sugere o mesmo processo metodológico. Estes dados sobre o inventário foram apresentados, também, na mídia eletrônica⁶. O Quadro 1 mostra a estrutura proposta para o levantamento de dados dos elementos culturais de um destino turístico, por meio de uma descrição geral tanto das referências históricas quanto das manifestações populares. Cada tipo de dado catalogado é disposto em formulário específico do inventário como uma ficha técnica, preenchida em tempo definido pelo pesquisador, sem considerar o cotidiano da comunidade.

⁵ OMT in: CERRO, F. L. Ministério de Indústria, Comércio Y Turismo (MICYT). Técnicas de Evaluación Del potencial turístico. Madrid: Centro de Publicaciones del Ministério de Industria Comercio y Turismo, 1993, p. 69, citado por MAGALHÃES, Cláudia Freitas. Diretrizes para o turismo sustentável em municípios. São Paulo: Ed. Roca, 2002.

⁶ Informações levantadas no manual do Inventário da Oferta Turística para os Circuitos Turísticos Mineiros, elaborado pelo Portal Descubraminas. Disponível em <<http://www.descubraminas.com.br>> Acesso em 20 de março de 2004.



Nos estudos de Stigliano e César (2005) sobre a metodologia de inventário turístico para o levantamento de dados da cultura local, foi ressaltado que não é papel do turismólogo escrever um livro sobre a memória da cidade, nem polemizar nenhum fato histórico, mas, sim, levantar elementos culturais. Os autores sugerem os seguintes itens a serem pesquisados sobre os aspectos histórico-culturais de um município turístico:

- Histórico do município;
- História social do município;
- História econômica (com ênfase no espaço rural);
- Fazendas históricas e outros marcos;
- Folclore/ hábitos de vida/ principais culturas envolvidas na formação da população;
- Atrativos/ recursos turísticos histórico-culturais;
- Manifestações e uso tradicional e popular – gastronomia típica, artesanato, feiras e mercados;
- Realizações técnicas e científicas contemporâneas;
- Acontecimentos programados (incluindo festas, comemorações, atividades religiosas, populares, folclóricas e cívicas) (STIGLIANO e CÉSAR, 2005, p. 63).

Quadro 1

Descrição das referências históricas e manifestações populares dos municípios e distritos

Tipo	Dados catalogados na pesquisa
Dados gerais e informações geográficas, históricas e econômicas do município e distritos.	Além da descrição destes dados, acrescenta-se a descrição da atividade turística existente no local.
Atrativos turísticos	Descrição dos atrativos, categoria e tipo.
Artes / manifestações populares e folclóricas	Descrição das manifestações culturais de forma geral.
Artesanato típico	Descrição dos tipos de artesanatos, matéria-prima utilizada e processo de comercialização.
Culinária Típica	Descrição dos tipos de receitas regionais, envolvendo os ingredientes e o modo de preparo.

Fonte: Portal Descubraminas, 2004, adaptado pela autora.

Meneses (2004, p. 46) esclarece que a “história total” vai além dos objetos culturais - artes, manifestações populares e folclóricas, atividades culturais e culinária típica - existe o contexto do cotidiano das pessoas, como “a vida doméstica, o homem comum, as minorias sociais, as atitudes do homem diante da vida e da natureza, as relações sociais e econômicas que o homem constrói, as estruturas que ordenam a sobrevivência, [...] tudo é história”. Desse modo, amplia as possibilidades de uso turístico, na medida em que aos objetos históricos acresce os elementos presentes no contexto social. Nesse contexto, Bastos (2004) sugere o uso da entrevista com comunidades como metodologia de pesquisa para ser trabalhada pelos



turismólogos como instrumento de coleta de dados culturais e percepções sobre o patrimônio cultural.

Murta e Albano (2002) refletem sobre a pouca atenção que é dada aos visitantes no que se refere à informação sobre o lugar e seus habitantes, seus hábitos e costumes, sua história e suas lendas. Mencionam que o "olhar" do visitante deve ser estimulado, como também sua curiosidade, de forma a levar o turista a descobrir toda a magia do lugar. Esse estímulo, para as autoras, se refere à necessidade de interpretação do patrimônio, tanto natural quanto cultural, que busca estabelecer uma comunicação com o visitante visando ampliar seu conhecimento. Na mesma direção, Goodey (2002) ressalta que a comunidade, além de personalizar o local através de sua participação no processo de elaboração de um plano interpretativo para o turismo cultural, também inicia um processo de autoconhecimento. Acrescenta, ainda, que “aquilo que a comunidade valoriza para si própria, o que ela deseja preservar, é possivelmente o que ela vai querer compartilhar com os outros” (GOODEY, 2002, p. 53).

A Guerra dos Emboabas

A Guerra dos Emboabas é um tema polêmico que será apresentado de forma descritiva por se levar em consideração as curiosidades dos episódios da história e de seus personagens, como os heróis (seres históricos do Estado, dignos de percepção pelos intérpretes da construção histórica tradicional), ou os anti-heróis, aqueles dignos de esquecimento que, conforme Meneses (2004), são também elementos de relevante atratividade turística.

Segundo Vasconcelos (1999), os bandeirantes paulistas abriram os primeiros caminhos para as minas partindo de São Paulo, sendo a primeira bandeira oficial, a de Fernão Dias no ano de 1674. As bandeiras eram formadas por uma entidade privada dos homens de posse de São Paulo uma vez que o governo português não financiava esse tipo de iniciativa, somente a incentivava (GOLGHER, 1982). O mesmo autor acrescenta que existia uma hierarquia militar com diversas graduações de autoridade, sendo que a principal atividade era a caça aos índios e a localização de minas de esmeraldas e metais preciosos. Essas entradas de paulistas eram autorizadas pelo governo de Portugal que os concedia a regalia de liberdade de uso e gozo de seus descobrimentos e, em troca e condição única, de receber dos bandeirantes o quinto do



mineral extraído, além da concessão de títulos honoríficos pelo governo português quando as datas eram encontradas, um ato de grande importância para os paulistas.

A chegada dos forasteiros às Minas foi também motivo de zombaria porque chegaram usando botas, calças e polainas, um tipo de protetor para o peito dos pés, o que foi associado pelos paulistas com o termo indígena *Mbuãb*, palavra empregada pelos índios Tupis em referência às aves de penas até os pés (VASCONCELOS, 1999). O apelido foi também mencionado pelos paulistas como pintos calçados, o que Vasconcelos (1999) ressalta ser um estilo bem diferente dos paulistas que andavam descalços como os índios.

Por direito, a população paulista precursora da mineração, queria exclusividade na exploração do metal. Entretanto, forasteiros que chegaram às Minas exigiram também os seus direitos de exploração das datas, o que provocou reação imediata por parte da população já instalada, e isto fez com que os forasteiros se levantassem contra os paulistas, dando início aos conflitos e traições (BARREIROS, 1984; VASCONCELOS, 1999; GOLGHER, 1982).

Personagens relevantes

Manuel de Borba Gato: era paulista e chefe da bandeira da descoberta das minas do Sabarabuçu (SEC, s.a). Foi fundador de Sabará, o antigo centro administrativo das Minas, onde fixou residência no local denominado como Arraial Velho, ponto de ligação entre Sabará e região de Ouro Preto (VASCONCELOS, 1999). Era considerado um déspota pelos emboabas por impedir a estes a exploração de ouro nas Minas (GOLGHER, 1982). Recebeu o título de Guarda-Mor da região Poente do Rio das Velhas com a finalidade de fiscalizar e impedir o fluxo de mercadorias de primeira necessidade das Minas com a Bahia. (SEC, s.a.; GOLGHER, 1982; VASCONCELOS, 1999). Além de impedir os descaminhos do ouro, que deveria ser controlado pelas casas de fundição estabelecidas em Taubaté, São Paulo e Parati, a função de Borba Gato era a de arrecadar os quintos reais e confiscar os faltosos.

Manuel Nunes Viana: nasceu em Portugal, nascido na Vila de Viana de Minho (VASCONCELOS, 1999; GOLGHER, 1982). Era plebeu e veio para o Brasil e se instalou na Bahia de onde desceu para as Minas pelo Rio São Francisco como caixeiro, adquirindo a confiança e estima de muitos por sua inteligência e desempenho nos negócios, ficando rico com o comércio e lavras de ouro, além de ter sido proprietário de fazendas de gado na região do São Francisco. Era desafiador das leis, pelas suas marchas em comboio com grandes



escoltas armadas dispostas a resistir às patrulhas de fiscais da região proibida. Nunes Viana, além de poderoso, era protegido por escravos sob o comando de um negro fiel de nome Bigode e defendido por forasteiros do Sabará, Rio das Velhas e Caeté (SEC, s.a.). Todo esse poder e riqueza eram odiados pelos paulistas. Golgher (1982) identifica em Manuel Nunes Viana uma figura de grande capacidade de planejamento e organização nos negócios, um grande estrategista de guerra, além de ter sido defensor dos direitos do povo nas Minas, ao contrário de Borba Gato que defendia o governo Real.

Locais e esquema dos episódios relevantes da Guerra dos Emboabas⁷

Caeté: Dois paulistas tentaram tomar a arma de um forasteiro que se encontrava em frente a uma igreja. Manoel Nunes Viana, sabendo do ocorrido não aceitou o insulto e os desafiou para um duelo, que acabou não acontecendo porque logo pediu o restabelecimento da paz, ressaltando que cada um deveria cuidar de seus negócios. A não-ocorrência do duelo alvoroçou os paulistas indignados com o ocorrido contra os reinóis (homens de origem portuguesa), que se diziam vitoriosos à covardia dos paulistas. Este acontecimento foi considerado vergonhoso e motivo da decisão de uma desforra. Mais tarde, um paulista assassinou um forasteiro e se refugiou, provocando a ira dos emboabas que prometeram vingança.

Morro Vermelho (Distrito de Caeté): O povo se reuniu neste local para se organizar contra os paulistas e o resultado foi a eleição (pelo povo) de Manuel Nunes Viana como governador das Minas.

Sabará: Este local foi incendiado pelos índios a mando dos emboabas em protesto aos paulistas e ao superintendente das Minas, Manoel de Borba Gato. Os paulistas derrotados fugiram para outros arraiais, sendo Cachoeira do Campo o local escolhido para se fortificarem, reunindo-se com os arraiais vizinhos.

Cachoeira do Campo (Distrito de Ouro Preto): Local onde os paulistas marcaram um combate contra os emboabas. Nunes Viana e seu exército seguiram para o mesmo local onde receberam apoio de emboabas da área de Ouro Preto. Novamente começou uma batalha entre paulistas e emboabas. Houve muitas mortes de paulistas no conflito porque as estratégias dos emboabas eram melhores. A grande quantidade de mortes neste local provocou

⁷ Dados obtidos em documentação reunida por Eduardo Canabrava Barreiros sobre a Guerra dos Emboabas.



a insegurança do povo e Manuel Nunes Viana foi perdendo seu prestígio. Para que fosse recuperada sua imagem de homem defensor do povo, um religioso e comerciante no local que odiava os paulistas, frei Francisco de Meneses sagrou o governador eleito. Sagar Nunes Viana significava dotá-lo de poderes divinos, o que poderia evitar a perda de seu poder. Esta foi uma atitude ousada porque somente os reis eram sagrados. Dessa forma, o povo jurou fidelidade ao governador que, a partir de então, tinha adquirido poderes divinos.

Bacalhau (Distrito de Piranga): local escolhido pelos paulistas para emboscar os emboabas como vingança da matança ocorrida em Cachoeira do Campo. Os moradores do Bacalhau deixaram que os emboabas pernoitassem e, nesse tempo, formaram um grupo para “tocaiá-los” no retorno. Os paulistas saíram vitoriosos nesta batalha planejada. Os autores mencionam que “a derrota foi total e sem piedade”.

Tiradentes (antiga Ponta do Morro) e São João Del Rei (antigo Arraial Novo): locais onde os paulistas se reuniram com outros paulistas evadidos e prisioneiros soltos para formarem um exército. Foi feita uma emboscada com o objetivo de vingança dos emboabas num capão ou mato nas imediações do Rio das Mortes. Os emboabas, ao chegar ao local perceberam a rebeldia dos paulistas e lhes fizeram render as armas. Desarmados, os paulistas foram chacinados pelos emboabas, ficando esse episódio conhecido como o “massacre do Capão da Traição, um acontecimento pérfido e sangrento”, conforme Barreiros (1984). Sobre este episódio, as evidências de localização são direcionadas para o rio das Mortes. Mas, não há uma precisão do local em que os acontecimentos ocorreram.

O desfecho da Guerra foi abordado pelos memorialistas a partir da formação de um novo exército pelos paulistas em defesa da pátria. Um cerco no Arraial do Rio das Mortes foi feito para dar início aos ataques armados com a finalidade de ganhar terreno. Porém, os emboabas não responderam. Houve mortos e feridos, principalmente de emboabas. Os paulistas insistiram em lutar ou morrer e os emboabas moradores queimaram as casas dos paulistas e a igreja do Arraial Novo. Amedrontados, os emboabas determinaram construir duas fortificações, sendo uma às margens do Rio das Mortes num local conhecido como Vargem Perto da Passagem, situado no Arraial de Matosinhos (atualmente este local é um bairro pobre de São João Del Rei) e outra no Arraial Novo, no Ribeiro do Lenheiro, para assegurar defesa contra as invasões.

Nesse mesmo tempo, a Capitania do Rio de Janeiro foi desmembrada, sendo criada, em 9 de novembro de 1709, a Capitania Unida de São Paulo e Minas Gerais dos Cataguás que



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

tinha Antônio de Albuquerque como seu governador. Este episódio foi considerado como o encerramento da Guerra dos Emboabas por Vasconcelos (1999), que também aponta o início da reestruturação do território mineiro pela definição de leis e vilas. Golgher (1984) discute que o final do conflito definiu a estrutura política e social de Minas Gerais, apontando para a contextualização de uma realidade social com possibilidades de interpretações.

Resultados da Pesquisa

Em Sabará, um gestor de eventos da administração pública mencionou com encantamento a inteligência de Manuel Nunes Viana ao comandar o povo, o que não era habilidade dos paulistas, principalmente de Borba Gato. Para o outro entrevistado, gestor do turismo na administração pública, a Guerra dos Emboabas tem o significado da luta, da conquista, da posse e da riqueza do ouro que favoreceu o Brasil. O gestor de eventos contextualizou a história local com o turismo ressaltando que “a cidade que não conta a sua história não conta um atrativo, porque a história é um atrativo”. Mencionou sobre as particularidades da história local como elemento de curiosidade para ser aproveitado pelo turismo e lamentou existir deficiência na educação formal quanto ao ensino da história do local. Acrescentou que “a educação é a base de tudo”. Todos os entrevistados de Sabará mencionaram a existência, no local, da Rua do Fogo e Rua Fogo Apagou. Neste local, provavelmente aconteceu o incêndio provocado pelos emboabas que ficou marcado no local e assimilado pela memória da comunidade. As FIG 2 e 3 mostram as duas ruas.



Figura 2 – Rua do Fogo. Atualmente esta rua tem o nome de rua Melo Viana.



Figura 3 – Rua Fogo Apagou. Localizada do outro lado da ponte sob o Rio das velhas, em continuação à rua do Fogo.

A sugestão apresentada por este entrevistado para o aproveitamento da Guerra como atrativo, foi a de se trabalhar o personagem Manuel de Borba Gato como estátua viva. Afirmou que existe necessidade de se treinar pessoas para falar sobre a história deste personagem. O mesmo entrevistado mencionou a existência de um grupo de teatro do local que conta lendas e histórias de Sabará.

Em Caeté, existe uma placa na entrada do município que mostra o local como berço da Guerra dos Emboabas, conforme FIG 4. Apesar deste marco da história local, a comunidade tem pouco conhecimento sobre este episódio histórico.



Figura 4 - placa do marco histórico Guerra dos Emboabas

Durante entrevista com um historiador auto didata em Caeté, cinco pessoas que se aproximaram foram abordadas com a seguinte pergunta: o que você sabe sobre a Guerra dos Emboabas? As respostas vieram da seguinte forma: “não me lembro de nada”, “isso não aconteceu aqui não”, “sei muito pouco”, “sei que aconteceu em Morro Vermelho, mas sei muito pouco”. Todas as pessoas responderam que foi ensinado na escola, mas não se lembravam mais. Um dos interrogados disse: “se eu perguntar minha mãe ela deve saber responder melhor”. O historiador entrevistado disse: “a maioria do nosso povo conhece a Guerra dos Emboabas por ouvir falar” e acrescentou que tem “batido” muito nas escolas para que ensinem a história do local antes de ensinarem a história do Brasil. Segundo o historiador, o ensino público municipal deveria ter como proposta a conservação do conhecimento da história do local e considera uma falha do ensino quando a história do lugar é deixada em segundo plano. Ressaltou que “falta conteúdo” para a comunidade sobre a Guerra dos Emboabas e, sendo assim, fica muito difícil perpetuar esse evento histórico na memória da comunidade e sugeriu “dotar as professoras de conhecimento” para ser passado para os alunos. O entrevistado também sugeriu para o aproveitamento do turismo produzir uma peça teatral para dramatizar o duelo ocorrido em Caeté entre paulistas e emboabas.



Em Morro Vermelho, distrito de Caeté foi entrevistado um sindicalista rural, indicado pela comunidade para falar sobre a Guerra dos Emboabas. O entrevistado disse que sabia muito pouco, mas narrou a história com riqueza de detalhes. Começou dizendo:

Foi aqui no Morro que começou a Guerra dos Emboabas com Nunes Viana, que comandou a Guerra. Foi aqui que a equipe tomou a decisão de fazer a Guerra porque chegou um boato de que os paulistas, depois da missa, só iam esperar acabar a missa, para passar os emboabas a ferro e bala (SINDICALISTA, 2005).

O entrevistado também foi convicto ao dizer que, “no Morro”, aconteceu a primeira eleição democrática das Américas, ou seja, a eleição de Nunes Viana pelo povo. Esse episódio confere com a literatura pesquisada. O entrevistado explicou que o povo (emboabas), sabendo do que estava para acontecer, fez o tumulto, confusão e depois precisou eleger um líder para ser o comandante, que foi Manuel Nunes Viana, “eleito pelo povo nesta praça”, apontando para o local. O entrevistado também mostrou orgulho ao falar sobre as festas (Semana Santa e Cavalhada) e a história religiosa herdada dos portugueses, evidenciando a padroeira Nossa Senhora de Nazaré.

Em Cachoeira do Campo foi entrevistado um morador do local, historiador acadêmico que se disponibilizou para este trabalho. Mencionou que pouco se conhece sobre esta história e contou sobre as ruínas do muro de pedra existente no local. Este muro foi a fortificação de Cachoeira do Campo na época da Guerra. Mencionou que nas frestas deste muro eram colocadas as espingardas dos guerrilheiros, emboabas ou paulistas, não sabendo ao certo, pois esta informação é proveniente da tradição oral. Acrescenta que é um “sistema de construção impressionante”. O entrevistado afirma não existir memória da comunidade e acrescenta que turisticamente esse episódio não significa nada para Cachoeira do Campo, como também não é explorado; acredita que a falta de memória da comunidade é, sobretudo, uma falta de interesse por parte, principalmente, da gestão pública em trazer o passado para o presente e isto se agrava pelo perfil da comunidade de ser grande parte vinda de outros lugares, dificultando, com isso a defesa da memória da comunidade. O entrevistado acredita que esse evento histórico pode contribuir para o crescimento do turismo e sugere a transformação da mata, onde estão as ruínas do muro de pedra e as trincheiras, num local de contemplação da paisagem por moradores e visitantes, além de seu aproveitamento para o conhecimento da história, o que exigiria a revitalização das ruínas.



Em Piranga, o entrevistado (historiador auto didata) mencionou que “a maioria dos paulistas passaram e fincaram suas raízes na região do Guarapiranga”. Essa realidade local não deixou que os emboabas dominassem a região. O que foi sugerido para o desenvolvimento do turismo no local foi a simulação da Cavalgada dos Emboabas, uma forma de voltar às origens das Minas aproveitando as potencialidades naturais, tendo como ponto de partida outros locais como Sabará, Caeté ou Cachoeira do Campo e terminando no Arraial do Bacalhau, mesmo local onde aconteceu a batalha “impiedosa” dos paulistas que exterminaram os emboabas. Apesar de demonstrar interesse pelo aproveitamento da história pelo turismo, o entrevistado considera a gestão pública em Piranga pouco capacitada para desenvolver o turismo do local.

Em Tiradentes, as respostas foram vagas quanto ao conhecimento sobre a história da Guerra dos Emboabas. As respostas se resumiram em: “Não sei muito, não foi falado muito na escola”; “foram os bandeirantes, a conquista de território”. Um dos entrevistados (gestor da administração pública) mencionou que foi uma guerra ocorrida entre as pessoas da região e as que chegavam em busca de ouro e, ainda, de que às margens do Rio das Mortes as pessoas travavam batalhas nas quais morria muita gente, por isso o rio tem esse nome. Todos os entrevistados mencionaram que a relação da Guerra dos Emboabas com Tiradentes é estabelecida pela lenda do Rio das Mortes. Disseram que as professoras contavam na escola que os índios eram atirados mortos ao rio e por causa do sangue as águas ficaram escuras. A FIG 3 mostra o Rio das Mortes.



Figura 3 – Rio das Mortes em Tiradentes

Um historiador entrevistado, morador do local acredita que, no momento, o local em que aconteceu o Capão da Traição não tem mais importância nenhuma, resta apenas o imaginário. Sugere a realização de um trabalho de revitalização da memória da Guerra dos Emboabas nas escolas para tentar despertar esse acontecimento histórico como atrativo. Foi



possível constatar que a ligação dos dois municípios (Tiradentes e São João Del Rei) pelo Rio das Mortes também liga a tradição cultural de perpetuar as lendas sobre os conflitos. Nesse sentido, foi sugerido por alguns entrevistados como forma de aproveitamento do evento histórico Guerra dos Emboabas o conto dessas lendas no interior da Maria Fumaça durante o passeio oferecido entre os dois municípios.

Conclusão

A partir da identificação dos elementos culturais percebe-se que é possível trabalhar um plano de interpretação turística a partir da verificação das formas de apreensão da história local pela comunidade. O cenário do turismo em cada localidade poderá existir se os elementos culturais forem fundamentados por conteúdo de significado histórico e, assim, serem reconhecidos e valorizados como atrativos capazes de desenvolver o turismo local e regional. No entanto, este trabalho deve ser feito de forma interdisciplinar entre turismólogos e historiadores.

Quanto às formas de conhecimento da história da Guerra dos Emboabas nos locais pesquisadas, os entrevistados mencionam as suas histórias com sentimento de orgulho, principalmente pela soberania econômica representada pelos municípios. Existe pouco conhecimento acadêmico sobre este evento histórico e os fatos são mencionados de forma isolada, com pouca contextualização. Nesse sentido, seriam necessários mais estudos sobre a Guerra dos Emboabas para que os elementos culturais sejam significativos para a comunidade e adquiram, assim, poder de atração. Para este trabalho seria fundamental escolher uma adequada metodologia de inventário, com vistas a identificar o cotidiano das comunidades, bem como, suas apreensões sobre o passado. Essa forma de coleta de dados deve ser dinâmica e não fixada no tempo como sugerem os modelos definidos pelos órgãos técnicos do turismo. Acredita-se que este trabalho poderá possibilitar um aprofundamento no conhecimento da história local e da inclusão da comunidade no desenvolvimento do turismo.

Referências bibliográficas

BARCELLOS, Regina Cássia Rugani. Classificação e avaliação dos Recursos Turísticos: um estudo metodológico. Dissertação de Mestrado apresentada à Universitat de Les Illes Balears (UIB), 2002.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

- BARREIROS, Eduardo Canabrava. *Episódios da Guerra dos Emboabas e sua Geografia*. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.
- BASTOS, Sênia. *Nosso Patrimônio Cultural: uma Metodologia de Pesquisa*. In: *Revista Hospitalidade*, Ano I, número 1, SP: Editora Anhembi Morumbi, 2º semestre 2004.
- GOLGHER, Isaías. *Guerra dos Emboabas*. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Educação, 1982, 254 p.
- GOODEY, Brian. *Interpretação e Comunidade Local*. In MURTA, Stela Maris e ALBANO, Celina (Org). In: *Interpretar o Patrimônio, um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- LAGE, Beatriz Helena Gela; MILONE, Paulo César (Organizadores). *Turismo: teoria e prática*. São Paulo: Atlas, 2000.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- LUCCAS, S. M. *Turismo Cultural no Vale do Paraíba: Uma Experiência Histórica*. In. OLIVEIRA, C.; MOURA, J.; SGAI, M.; (Editores). *Turismo: novo caminho no espaço rural brasileiro*. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Turismo Rural. Piracicaba: Fealque, 2000. p. 21-35.
- MENESES, José Newton Coelho. *História e Turismo Cultural*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.
- MURTA, Stela Maris e ALBANO, Celina (Org). *Interpretação, preservação e turismo*, uma introdução. In: *Interpretar o Patrimônio, um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- RANGEL, Marília Machado. *Educação Patrimonial, conceitos sobre patrimônio cultural*. In: Grupo Gestor da Secretaria do Estado da Educação - MG (org). *Reflexos e contribuições para a educação patrimonial*. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002. (Lições de Minas, 23).
- SEC - SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. Arquivo Público Mineiro. *Códice Costa Matoso*. Belo Horizonte, [s.a.], p. 151 - 155.
- STIGLIANO, Beatriz Veronese; CÉSAR, Pedro de Alcântara Bittencourt. *Inventário Turístico*. Campinas/ SP: Editora Alínea, 2005.
- VASCONCELOS, Diogo. *História antiga das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 4ª edição, 1999.
- YÁZIGI, Eduardo. *A Alma do Lugar*. São Paulo: Editora Contexto, 2000.